

## **Unidade Transatlântica face à Rússia (\*)**

Pela Secretária de Estado Condoleezza Rice

Durante grande parte do mês transacto, os olhares do mundo estiveram postos na Rússia. Tomámos em mãos o desafio inicial e urgente de apoiar a Geórgia ante o ataque russo - um desafio que, por ora, temos sabido gerir. A principal questão que se coloca ao prosseguirmos caminho - e sobre o qual me debrucei aturadamente num discurso que proferi na passada quinta feira (18.09.08) - é qual o significado dos acontecimentos do último mês na relação da Rússia com o mundo, especialmente com os EUA e a Europa?

As circunstâncias que rodearam o conflito do mês passado são conhecidas de todos. Foram cometidos erros de ambos os lados. Porém, a reacção dos líderes russos - ao invadirem um país soberano por uma fronteira internacionalmente aceite e ao tentarem desmembrá-lo com o reconhecimento da Abcázia e da Ossétia do Sul - foi desproporcionada. A responsabilidade deste comportamento não cabe aos vizinhos regionais, nem ao alargamento da OTAN ou aos EUA, mas aos líderes russos.

Porventura ainda mais perturbador é o facto de o ataque da Rússia encaixar num padrão de comportamento que se tem vindo a agravar ao longo de vários anos, nomeadamente no uso que faz do petróleo e gás natural como armas de coerção, ao ameaçar usar armas nucleares face a nações pacíficas, e às violações da lei e da liberdade em território próprio. A imagem emergente é a de uma Rússia cada vez mais autoritária e agressiva.

O ataque à Geórgia colocou-nos perante um momento crítico, mas não fatalista. Os líderes russos estão a tomar algumas decisões infelizes. Mas podem tomar outras, diferentes. O futuro da Rússia está nas mãos da Rússia. Mas as suas escolhas serão moldadas, parcialmente, pelas acções dos outros - sobretudo dos EUA e dos seus aliados europeus.

A invasão da Geórgia não produziu - nem produzirá - qualquer objectivo estratégico de longo prazo. O nosso objectivo estratégico é agora o de deixar claro aos líderes russos que as escolhas deles estão a colocar a Rússia numa via de sentido único que vai dar ao auto-imposto isolamento e à irrelevância internacional.

Atingir este objectivo requer determinação e unidade por parte dos EUA e da Europa. Não podemos validar as ideias preconcebidas que alguns líderes russos parecem ter de que se pressionarem nações livres - intimidando, ameaçando e fustigando - nós acabaremos por ceder. Os Estados Unidos e a Europa devem fazer face a este tipo de comportamento e não permitir que a agressão russa recolha qualquer benefício.

Nós e os nossos aliados queremos, por isso, falar a uma só voz no apoio à Geórgia. Estamos a liderar o esforço mundial para ajudar à reconstrução da Geórgia. A porta para um futuro euro-atlântico permanece aberta para a Geórgia e a nossa aliança continuará a trabalhar para tornar esse futuro uma realidade.

Ao mesmo tempo, Estados Unidos e Europa apoiam, inequivocamente, a soberania, independência e integridade territorial dos vizinhos da Rússia. Tão pouco permitiremos que a Rússia vete o futuro da nossa comunidade euro-atlântica, decida quais os estados a que devemos dar estatuto de membro, ou condicione a escolha de adesão desses mesmos estados. E deixámos isso particularmente claro aos nossos amigos da Ucrânia.

Os EUA e a Europa estão a aprofundar a cooperação na senda de uma maior independência energética. Vamos expandir e defender uma economia energética global aberta de práticas abusivas. Não pode haver um conjunto de regras para a Rússia, Lda. e outro para todos os demais.

Finalmente, os EUA e a Europa não permitirão que os líderes russos joguem em dois tabuleiros – que retirem benefícios de mercados, instituições e normas internacionais e, por outro lado, questionem as fundações dos mesmos. Não há terceira via. A Rússia do século 19 e a Rússia do século 21 não podem operar no mundo lado a lado. Para atingir o seu potencial absoluto, a Rússia precisa de estar plenamente integrada na ordem política e económica internacional. Mas a Rússia encontra-se na precária posição do pé dentro e do pé fora. A Rússia depende do mundo para o seu sucesso e não consegue mudar esse facto.

Neste momento, os líderes russos já têm uma ideia do que pode ser o futuro, caso persistam no seu comportamento agressivo. Em contraste com a posição da Geórgia, a postura internacional da Rússia é hoje pior do que em qualquer outro momento desde 1991. A sua cooperação nuclear civil com os EUA está num impasse. Os líderes russos estão a infligir dor à economia do seu país. O seu pedido de adesão à Organização Mundial do Comércio está agora em causa. O mesmo se pode dizer do seu pedido de adesão à OCDE.

Mas talvez a pior consequência para Moscovo seja a de que o seu comportamento veio questionar qual a visão do futuro russo que guia neste momento o país. Recentemente, houve um momento em que o novo Presidente russo apresentou uma visão positiva e dinâmica do futuro do seu país. Essa visão levava em conta as vulnerabilidades da Rússia, pedia mais reformas internas e, mais importante, reconhecia que a Rússia não pode ter uma relação com o mundo baseada em antagonismo e alienação.

Por necessidade, os EUA e a Europa continuarão a explorar interesses mútuos com a Rússia - nomeadamente a luta contra o terrorismo, impedir a nuclearização do Irão,

moldar um Médio Oriente seguro onde haja paz entre israelitas e palestinianos, e evitando que o Conselho de Segurança se torne na instituição monolítica que era à data da Guerra Fria. Mas seria pena que a nossa relação com a Rússia nunca evoluísse acima dos meros interesses. Porque as melhores relações ocorrem entre estados, que partilham objectivos, aspirações e valores.

Saber se os líderes russos ultrapassam a nostalgia de outra era e se reconciliam com as fontes e exercício de poder do século XXI, eis o que veremos. A decisão cabe à Rússia e só a ela. E esperamos que os líderes russos escolham a responsabilidade – em nome do seu povo e do mundo.

---

(\*) Publicado no semanário *Sol* em 27/09/08